

A CIDADE SOBRE A MESA: O PALCO DE TODOS NÓS

por Catarina Monteiro

Existe um espaço cenográfico à escala da cidade, no qual o ator social (nós) tem a possibilidade de escolher o seu palco e a sua peça, assim como o figurino, sendo o seu principal objetivo o de se ajustar a cada tipo de situação, com a ajuda dos restantes atores sociais. Victor Turner afirma que as raízes do teatro se basearam no drama social, tendo sido o teatro a urbanizar as sociedades à escala de civilizações, através de um domínio específico, onde a experimentação se legitimou através de diferentes modos de representação (TURNER, 1982: 12). Neste sentido, o teatro não é apenas uma réplica do padrão processual do drama social, mas sim uma hipérbole do mesmo. Enquanto atores sociais devemos ou deveríamos criar métodos de provocação no discurso da cidade com o objetivo de gerar intervenção e discussão pública, assumindo o espaço público e a cidade como um registo contemporâneo de ações dramáticas contínuas.

Acreditamos que é na diminuição da distância entre a arte e a vida que ocorrem paralelamente mutações e novas dinâmicas na produção do espaço urbano, sendo este, no limite, o palco do espetáculo do drama que é a vida social. O espaço cénico da cidade, enquanto palco de representação, de convicções ou *flanneuries*; a experiência da cidade enquanto evento contínuo ativado pelas mais diversas ações que nele decorrem.

Definidas como os locais onde várias culturas convivem e combinam diferentes modos de vida e conceções do mundo, as cidades são complexos sistemas de representação, nos quais espaço e tempo são compreendidos e experienciados na forma de representações mentais. A história enquanto fenómeno urbano por excelência, por sua vez, influencia a cidade, enquanto conjunto de símbolos estratificados ao longo do tempo histórico. Assim, admitimos a cidade enquanto acervo histórico e museu da história, marcada nas

ruínas, nos monumentos e nas marcas do tempo, incisivas em todas as suas construções. A cidade enquanto sinónimo de história.

Enquanto artifício que pertence a uma cultura material, a cidade é uma entidade socialmente produzida, negociada através de sistemas de representação. Todos os sistemas de representação são compostos de signos específicos: palavras escritas, discursos orais, pinturas, figuras, fotografias, mapas, sinais, filmes, movimentos coreográficos, instalações, eventos, edifícios e lugares. No entanto, a cidade é algo que nunca conseguiremos compreender ou prever na sua totalidade, é um fenómeno que excede a nossa capacidade de descrição e de representação e, conseqüentemente, é sempre experimentalmente infinita. Foi através da vivência da cidade que o ser humano adquiriu a experiência da diversidade. Experiência essa que sempre motivou uma certa promessa utópica de emancipação política e económica, um lugar de integração social.

A cidade passa por uma operação que envolve, por *contrato social*, a preservação do passado e a inserção de ruturas e de descontinuidades, de memória e da falta dela. Da possibilidade de esquecer, também. De refazer, fazer e reconstruir.

BIBLIOGRAFIA

TURNER, Victor. (1982). *From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play*. New York: PAJ Publications.